

## TEORIA E PRÁTICA: APARENTE DICOTOMIA NO DISCURSO NA EDUCAÇÃO MUSICAL<sup>1</sup>

Rosa Fuks\*

A Educação Musical que se realiza no Brasil pode ser entendida como um complexo onde coexistem várias e diversificadas práticas. Ao se refletir sobre o assunto, no momento que nos é contemporâneo, observa-se que se trata de um todo heterogêneo que para ser entendido necessita de uma visão mais ampla de seu conjunto.

Não se pode deixar de situar no contexto pessoas, de diversas camadas sócio-culturais, que têm expectativas próprias em relação à música. Também se pode esquecer a imensa quantidade de estímulos sonoros a que somos continuamente expostos pelos meios de comunicação e pelo nosso mundo como um todo. Deve-se, também, considerar que grande parte da aprendizagem musical ocorre intramuros escolares, o que nos obriga a incluir, na análise, as influências e interferências que os mecanismos de funcionamento da instituição escolar exercem nessa forma de ensino. Todos estes fatores interagem na relação professor-aluno.

\* Mestre em Educação Musical pelo Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão do Conservatório Brasileiro de Música; Prof.<sup>a</sup> de História da Educação Musical no Curso de Mestrado do Conservatório Brasileiro de Música.

---

<sup>1</sup> As idéias iniciais deste artigo foram expostas, de maneira preliminar, no Fórum de Discussões do projeto "Uma Educação Musical para o Século XXI", realizado na Pró-Arte, Rio de Janeiro, nov/94.

A educação musical, portanto, se faz ouvir por intermédio de seus vários e diversificados discursos musicais. Vale ressaltar que entende-se o discurso musical não unicamente como uma forma de expressão verbal sobre a música mas, principalmente, a própria música como discurso. Ao analisar as práticas discursivas, Foucault (1987) afirma que trata-se de revelá-las em sua complexidade e em sua densidade, mostrando que falar é fazer alguma coisa. Apoiados por esta forma de pensar, podemos considerar a prática pedagógica do professor de música como sendo um discurso - um discurso musical.

Do complexo que chamamos de educação musical onde, como já falamos, coexistem vários discursos destacamos para a análise, dois discursos dominantes: o do professor de música que trabalha no primeiro e segundo graus e o acadêmico. Vale acrescentar que cada um deles não é homogêneo mas, ao contrário, heterogêneo e que parece haver entre os dois algum tipo de acordo não-dito que se manifesta pelos encontros e desencontros existentes entre ambos.

Em relação ao discurso dos professores, é sabido que existem por vezes, práticas pedagógicas conflitantes coexistindo em uma mesma instituição de ensino, sendo inclusive executadas, alternada ou concomitantemente, pelo mesmo professor. Em trabalho recente<sup>2</sup>, analisamos esta questão pedagógico-institucional. O discurso acadêmico, representante da pesquisa universitária, que procura refletir as bases filosóficas, políticas, metodológicas e históricas, também não é homogêneo. Além das inúmeras abordagens e enfoques pelos quais se analisa o ensino musical, existem, também, pontos polêmicos como, por exemplo, o fato de se considerar, ou não, como integrantes da educação musical as práticas metodológico-musicais adotadas por nossas escolas de primeiro e segundo graus. Esta questão - alimentadora de inúmeros debates - foi, fruto de trabalhos<sup>3</sup>, onde não estabelecemos qualquer juízo de valor em relação ao nosso ensino musical, mas, comprovamos, apoiados pela pesquisa, o fato inquestionável de que a escola brasileira sempre produziu práticas de educação musical (MOACYR, 1938; NOGUEIRA, 1938; SILVEIRA, 1954).

2 O Discurso do Silêncio, Enelivros, 1991.

3 O Discurso do Silêncio, Enelivros, 1991; Prática Musical da Escola Normal: uma história não-escrita. In: Cadernos de Educação Musical 2/3 Fev-Ago/91.

Vale enfatizar que este artigo não tenciona estabelecer qualquer dicotomia entre teoria - discurso acadêmico - e prática - discurso pedagógico. Observa-se, contudo, que, habitualmente, estes dois discursos são analisados como opostos. Criou-se uma tal forma de olhar para a educação musical, que desagrega nela o ato de *pensar* do de *fazer*, a *técnica* da *reflexão*. Deve-se procurar entender o sentido da manutenção desta divisão. Divisão que é reforçada pelo aparente isolamento dos dois discursos que estamos analisando. Tudo isto vem mantendo o instituído e garantindo uma certa hierarquização dos agentes da educação musical. Realmente, estabeleceram-se critérios através dos quais refletir sobre a educação musical seria tarefa da academia, enquanto os professores, principalmente os que trabalham nos primeiros níveis, somente executariam práticas. O próprio professor, através de seu discurso, confirma isto.

Sabe-se, porém, que teoria e prática não podem ser separadas. Por baixo de qualquer prática existe sempre uma teoria latente. Podemos exemplificar reportando-nos a certo momento histórico que produziu determinada forma de se ensinar música. Na década de 60 e 70, os professores de música entregaram-se a um fazer pedagógico-musical que, em busca do novo, fundia as diversas linguagens artísticas em um todo. Naquele instante buscava-se uma nova forma de expressão, onde importava menos o que resultaria do trabalho - o produto - e mais o fato de se estar trabalhando - o processo. Esta *prática* estava fundamentada por uma *teoria* - a Arte Educação -, forma de pensar que então dominava o contexto educacional e artístico.

A partir da constatação de que existem inúmeras interseções entre as práticas discursivas dos professores e da academia, este trabalho se voltará para a análise das relações e interrelações existentes intra e inter-grupos.

Evidencia-se, quando representantes dos discursos acadêmico e dos professores se reúnem, determinado sintoma: um certo isolamento dos dois discursos. Isolamento que se torna muito visível em momentos como painéis, congressos, seminários, etc. Nestas ocasiões, comprova-se o afastamento existente entre ambos. Observa-se que o professor de música, atualmente, enfraquecido por questões salariais e de preparação específica nem sempre adequada às mudanças que vêm ocorrendo em nossa sociedade, mostra-se fragilizado em sua prática. Aparenta estar atravessando uma crise de identidade profissional. Crise que se manifesta através de seu discurso, em que predomina o silêncio, algumas vezes interrompido por palavras amarguradas. Este

discurso estaria, provavelmente, ocultando o sentido mais profundo do que desejaria estar sendo dito. Apesar de estes professores se mostrarem irritados com o discurso acadêmico, que consideram excessivamente cheio de citações e de "palavras difíceis", comparecem, contraditoriamente, em massa aos locais onde sabidamente tal discurso se fará ouvir. É muito comum em congressos de educação musical, após as conferências e palestras, quase não haver participação da platéia, que é constituída, em sua maioria, por esses professores. Desta maneira, surgem situações bastante incômodas, como, por exemplo, a de no decorrer de toda uma semana de trabalhos de algum congresso, debaterem com os palestrantes, quase que exclusivamente, os componentes das mesas que já se apresentaram ou que ainda irão se apresentar. Embora se evidencie, nestas ocasiões, a separação existente entre os dois grupos, não se pode deixar de considerar a inegável presença dos professores que, assim, parecem querer imprimir uma certa marca ao evento.

A relação existente entre os discursos necessita, urgentemente, ser aprofundada. Questiona-se o intuito dos professores ao comparecerem em grande número aos congressos e, continuamente, expressarem o seu desagrado em críticas geralmente feitas em pequenos grupos, de maneira velada. Ao serem inquiridos a esse respeito, alguns professores afirmaram estarem unicamente preocupados com a prática do ensino musical, enquanto os palestrantes, em sua opinião, somente teorizaram acerca do assunto. O que se pode observar e que ao solicitar, continuamente, "coisas práticas", o professor, talvez, esteja pedindo um espaço para falar do seu fazer pedagógico-musical. Ressalta, também, que a sua auto-imagem pressupõe a relação, culturalmente estabelecida, entre o professor e o domínio da prática. Este discurso aprendeu a ignorar que a prática do professor traz embutida uma teoria.

Trata-se de lidar diretamente com a expectativa do professor, ou melhor, tentar avaliar as relações que, de forma latente, perpassam os dois discursos.

Está, portanto, apresentado o problema. Questiona-se, pois, como ou quem evidenciará a trama que une estes dois grupos? Acreditamos ser possível alcançar tal propósito através do estabelecimento de um compromisso ético e político da pesquisa acadêmica com o seu objetivo - a educação musical. Este percurso será seguido, com certeza, pelo pesquisador em educação musical que, por definição, deve conhecer muito bem os dois discursos. Alguém que se situe no ponto

de interseção dos dois domínios, e se apresente, portanto, como um duplo. Alguém, faz-se necessário, que consiga conjugar as duas dimensões.

Pode recompor esta trama somente a pesquisa - investigação que analise em profundidade o ensino musical dos níveis iniciais do nosso sistema educacional, estabelecendo com eles determinado comprometimento - UM COMPROMETIMENTO SOCIAL. A ênfase aos primeiros níveis compromete a pesquisa com o problema verificado da dicotomia entre os discursos em estudo. Evidencia-se que o pesquisador não estará contaminado pelo olhar de discriminação que delega aos professores do primeiro e segundo graus, um fazer predominantemente prático. Ao contrário, ele procurará refazer o tecido musical, onde teoria e prática se interrelacionam. A fim de viabilizar este propósito, porém, são necessárias duas condições:

- 1 - é preciso que o pesquisador, mesmo que altamente gabaritado, entenda que a investigação deve estar voltada para uma compreensão das práticas musicais desenvolvidas no primeiro e segundo graus. Para que isto, realmente, se efetue, urge que ele procure se engajar no contexto social onde estas práticas se realizam. O entendimento deste fazer musical, entretanto, tem exigências. Não basta ao pesquisador possuir, por mais profundo que seja, um conhecimento unicamente musical. As práticas musicais do primeiro e segundo graus, para se fazerem entender, necessitam ser escutadas/entendidas através da relação existente entre os aspectos musicais e extramusicais que encerram. É justamente nestarelação que se encontra o cerne de seu fazer musical. Seguindo este caminho, o pesquisador chegará à compreensão dos mecanismos de funcionamento da instituição escolar e poderá, enfim, situar com clareza a FUNÇÃO que esta música exerce no contexto institucional.
- 2 - que o ouvido musicalmente desenvolvido do pesquisador consiga escutar/decodificar o que existe de especificamente musical neste contexto. Isto possibilitará a aceitação destas práticas musicais como sendo, realmente, MÚSICA.

Poder entender as duas condições pressupõe que haja todo um processo de experimentação do pesquisador com a comunidade escolar - condição para a compreensão do todo. Compreensão que é um exercício deste "agente duplo".

Estas nos parecem ser as etapas que os pesquisadores interessados no tema poderiam percorrer. Trata-se de tarefa intensa, já que a escola pública brasileira realiza aulas de música há 200 anos e, sintomaticamente, pouquíssimas análises foram escritas a respeito de sua prática. Acreditamos ser a ausência de pesquisas, também, geradora do atual discurso silencioso de grande número de professores de música. Eles trabalham em escolas que, por inúmeras razões sociais e históricas que não cabem ser analisadas no presente artigo, parecem ter sido esquecidas. Pesquisar este fazer musical é, portanto, prioritário.

Até o momento, apontamos caminhos que podem vir a aproximar os discursos acadêmico e dos professores. Torna-se relevante, agora, analisar a relação que estes últimos podem manter com a pesquisa. Isto nos obriga a aprofundar a reflexão a respeito de seu discurso, procurando entendê-lo melhor. Ao analisarmos o discurso do professor, torna-se oportuno procurar entender quais são suas características, como se manifestam e o que estariam expressando?

Para a nossa análise, evidenciam-se três formas de manifestação que reiteradamente o grupo de professores demonstra. Observa-se uma certa passividade do grupo frente a determinadas situações instituídas. Isto, geralmente, ocorre quando os professores se encontram com profissionais de maior titulação, momentos em que se instaura uma relação vertical de transmissão de conhecimentos. Esta transmissão de conhecimentos, ou melhor, a maneira como ocorre, e a intensidade do que se deseja transmitir acaba por provocar nos professores uma outra forma de expressão, desta vez *reativa*, que se manifesta através do silêncio do grupo. Faz-se evidente tal forma de agir, justamente, durante os cursos, encontros, seminários, congressos, etc. Instantes, já analisados neste artigo, onde somente se escuta o som do silêncio dos professores, que constituem, geralmente, a maioria dos participantes destes eventos.

É possível analisar o discurso silencioso dos professores como sendo uma resposta à esta hierarquia vertical do saber institucionalizado, em que o professor que trabalha nos primeiros níveis do nosso sistema educacional ocupa um dos últimos lugares em uma escala de importância profissional já instituída. Em resposta a esta hierarquização do saber, a massa de professores reage transformando-se em massa silenciosa. Segundo Baudrillard, "acredita-se que se estruturam as massas injetando-lhes informação (...). Mas é exatamente o contrário. Em vez de transformar a massa em energia, a informa-

ção sempre produz mais massa. Em vez de informar (...) cria cada vez mais massa inerte impermeável às instituições clássicas do social, e aos próprios conteúdos das informações". (1982, p.25-26).

A situação mais se complexifica quando se observa que o discurso dos professores contém certa *expectativa*. Constata-se uma perseverança na prática discursiva destes professores que aponta para tal expectativa. Qual será a expectativa do professor? Eis uma questão que gostaríamos de poder responder. Sabemos, porém, que este discurso, em sua constância, acaba por reforçar a tradição da instituição escolar e, também, a ajudar a manter aquela relação vertical de transmissão de saber, contra a qual os professores protestam, calando-se.

Diante da tríplice manifestação - passividade, reatividade e expectativa -, como entender a relação dessa massa silenciosa com a pesquisa? Já foi analisado que o pesquisador domina os discursos acadêmico e do professor. A pesquisa, portanto, desvendará níveis de ação deste último que até então não se faziam notar. De tais níveis, dois ressaltam à nossa análise:

- 1 - pesquisar a educação musical evidencia o que existe de produção intelectual, velada, sob a prática do professor;
- 2 - o pesquisador, como duplo, revela uma atividade de investigação já existente na prática do professor. Em suma, o professor ocupa o lugar de agente. Deixa, pois, de ser passivo.

Em consequência, a atitude reativa que este profissional demonstra possuir é canalizada para ações. Ele vai reagir produzindo novas práticas, críticas, reflexões, etc. A expectativa do professor, pois, se expressa, agora, através dos instrumentos oferecidos pelo discurso acadêmico.

Há uma grande mudança no contexto da educação musical: o professor não é mais silencioso.

Isto nos permite analisar o problema abordado por este artigo - a aparente oposição entre o discurso acadêmico e o do professor de música do primeiro e segundo graus - como sendo uma outra maneira de se enfocar a aparente dicotomia entre teoria e prática. Dicotomia que não resiste ao olhar do pesquisador cuja análise evidencia o feixe de relações existentes entre os dois discursos, onde teoria e prática se encontram unidas. Resolver, portanto, o isolamento dos discursos é, também, resolver a oposição entre teoria e prática.

Concluindo, podemos afirmar que pesquisar a educação musical é, sem sombra de dúvidas, uma maneira de poder interferir em sua prática a fim de modificá-la. É superar o sintoma mencionado no início

do trabalho fazendo com que o discurso acadêmico e o dos professores se comuniquem através da síntese de uma nova prática discursiva - a do pesquisador.

### **Referências Bibliográficas**

- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1987.
- FUKS, Rosa. *O discurso do silêncio*. Rio de Janeiro : Enelibros, 1991.
- \_\_\_\_\_. "Prática musical da Escola Normal: uma história não-escrita". In : *Cadernos de Educação Musical* 2/3, Fev-Ago/91.
- MOACYR, Primitivo. *A instrução e o Império*. São Paulo : Ed. Nacional, 1938.
- NOGUEIRA, Lacerda. *A mais antiga Escola Normal do Brasil*. Nictheroy : Oficinas Graphics do Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1938.
- SILVEIRA, Alfredo Balthazar da - *História do Instituto de Educação*. Distrito Federal, Oficinas Gráficas do Departamento de Prédios e Aparentamentos Escolares da Secretaria Geral de Educação e Cultura da Prefeitura do D.F., 1954.